

**A bissexualidade (des)organizada: desenhos, estigmas e subversões**

**HENRIQUE LUIZ CAPRONI NETO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)  
henriquecap\_adm@yahoo.com.br

## **Introdução**

Buscamos no presente trabalho analisar desenhos produzidos por trabalhadores bissexuais de Juiz de Fora, buscando compreender a bissexualidade em suas visões e suas vivências nas organizações e no trabalho. Assim, buscamos compreender aspectos sociais e subjetivos dos bissexuais nas organizações e na sociedade, de que modo podem resistir ou reproduzir as categorizações identitárias e problematizar o binário heterossexual – homossexual.

Este tipo de trabalho é relevante para se atentar para as situações de estigmas e de violência, mesmo aquelas de modo sutis que são cotidianamente reiteradas ou subvertidas na sociedade e nas organizações, tendo em vista que a temática da sexualidade se relaciona com a questão das diferenças nas organizações e suas hierarquizações. Também é interessante enfatizar que no cenário brasileiro já há alguns trabalhos que se dedicam à temática da sexualidade e de LGBT's, mas estes geralmente têm se dedicado ao homossexual masculino e alguns poucos às homossexuais femininas e sujeitos transgêneros. Em uma busca no portal Spell, por exemplo, não encontramos nenhum artigo que faça menção direta à bissexualidade e em uma busca na base de dados Scielo, artigos sobre bissexuais geralmente estão relacionados com práticas sexuais e HIV. Assim, este artigo é interessante ao abordar questões sociais, subjetivas e laborais a partir destes sujeitos. Logo, este trabalho é também relevante ao proporcionar visibilidade a esses sujeitos que, ao assumir uma identidade bissexual publicamente, podem sofrer uma discriminação dupla tanto por heterossexuais quanto por homossexuais (GARBER, 1995; WEINBERG, WILLIANS, PRYOR, 1994). Ademais, é necessário ao abordar em como a diferença é construída e experienciada por trabalhadores “diferentes” do que por gestores ou por implementadores de políticas (ZANONI et al., 2010).

Estruturamos o presente trabalho da seguinte maneira: trazemos uma discussão sobre diversidade e sexualidade em uma vertente crítica e multidisciplinar; a seguir problematizamos as bissexualidades, os estigmas sociais relacionados a elas e discutimos suas possibilidades de subversão das normas; depois tratamos da metodologia, sente este um trabalho qualitativo com aporte de desenhos; trazemos a análise dos dados com as categorias: as bissexualidades desenhadas e as bissexualidades nas organizações e na sociedade; e, por fim, algumas considerações.

## **Diversidade e Sexualidade nas Organizações: breves apontamentos**

Estudos críticos sobre diversidade surgiram em meados da década de 1990 como uma reação à (re) apropriação das políticas de oportunidades iguais pelo mundo dos negócios através da noção de diversidade (ZANONI et. al., 2010) A diversidade no Brasil tem se mostrado de relevância para a academia e organizações, especialmente pela busca de reconhecimento e espaço social para aqueles considerados “diferentes” do tradicional trabalhador, ao mesmo tempo que corrobora um cotidiano de discriminação, de falta de diálogo e respeito às diferenças (ALVES-GALEÃO, 2004; SARAIVA, IRIGARAY, 2012; CAPRONI NETO, SARAIVA, BICALHO, 2014; HERRING, HENDERSON, 2011). Em uma visão crítica, Herring e Henderson (2011) defendem que a diversidade crítica é sobre abraçar a diversidade cultural que existe entre os grupos e apreciar essas diferenças, mas sobretudo deve incluir questões de paridade, equidade e desigualdade. Sendo relevante investigar todas as formas de desigualdade social, opressão e estratificação que giram em torno de questões de diversidade desafiando os padrões hegemônicos, pois

em um mundo livre de racismo, sexismo, colorismo, fanatismo religioso e heteronormatividade, raça, gênero, cor, religião e sexualidade não devem ser

critérios válidos de distribuição. Infelizmente, no mundo real da discriminação baseada em grupo, a experiência de vida sugere que esses fatores muitas vezes se tornam bastante significativos [...] (HERRING, HENDERSON, 2011, p. 638).

Os estudos críticos em diversidade compartilham uma visão não positivista e não essencialista sobre a diversidade, entendendo-a como um processo em construção (re) produzido em contextos específicos, salientando como tais processos tanto reflete relações desiguais de poder como contribui para manter, resistir e ou transformá-las (ZANONI et. al. 2010; CARRIERI, SOUZA, AGUIAR, 2014). Dessa forma, com uma expansão epistemológica:

Feministas, pós-estruturalistas, pós-colonialista e estudiosos da analítica *queer* reformularam as diferenças como relacionais, construídas socialmente, constitutivas da identidade subjetiva do sujeito, significando relações de poder, múltiplas, contraditórias, contextuais e fluídas [...] Mas, no entanto, as noções de identidade essencializadas, fixas e a-históricas dominam a prática da gestão da diversidade e infiltram-se através de pesquisas (HOLVINO, KAMP, 2009, p. 398).

Em direção ao estudos das sexualidades e diversidades em administração no Brasil, esses têm recebido pouca atenção no decorrer dos últimos anos, porém, mesmo no nível internacional, reconhece-se que “[...] a sexualidade continua um tópico relativamente marginal no *mainstream* dos estudos organizacionais [...]” (BREWIS, TYLER, MILLS, 2014, p. 305), tal como ressaltam Carrieri, Souza e Aguiar (2014) ao destacarem que os estudos organizacionais brasileiros têm muito a avançar na temática das diferenças relacionadas com a sexualidade, apesar de que no decorrer dos últimos anos a sexualidade tem se tornado mais aberta e diversa nas organizações (BREWIS, TYLER, MILLS, 2014).

Provavelmente, essa pouca problematização têm algumas raízes, inclusive na academia: Motta (2000) entende que, na disciplina de “teoria das organizações”, gênero e sexualidade vem sendo não problematizados há praticamente um século ou tratados implicitamente como sinônimo de masculino; o argumento de que "as organizações têm sido historicamente abordadas como entidades assépticas em que os indivíduos convivem de forma funcional e neutra em prol de objetivos econômico" (SARAIVA; IRIGARAY, 2009, p. 338). Brewins e Linstead (2000) também argumentam que o sexo é geralmente entendido como algo contrário ao que representam já que se baseariam em controle, racionalidade instrumental e técnica, bem como na negação de instintos e emoções em função do serviço de produção.

A naturalidade aparente do sexo pode sugerir que seu significado é fixo e estável, compartilhado e não problemático, mas, como, as várias contribuições para esta questão indicam, isso é longe da realidade em que começamos a considerar tanto a organização da sexualidade - sua categorização, classificação e ordenação hierárquica - e a sexualidade da organização - a experiência vivida e a gestão da sexualidade dentro e através das configurações organizacionais (BREWIS, TYLER, MILLS, 2014, tradução nossa, p. 305).

Notamos que há alguns problemas nessa visão funcional e pouco problematizada da sexualidade nas organizações: em primeiro lugar, parece desconsiderar todos os aspectos subjetivos e psíquicos como atrações, fantasias, sentimentos, desejos, afeições, amizades, carinhos, disputas, transgressões que ocorrem no cotidiano de qualquer organização (CAPRONI NETO et. al., 2015); em segundo, pode não se atentar para os problemas que envolve as discriminações, as desigualdades micro e macroestruturais nas relações de poder nas organizações como quanto à dominação masculina (BOURDIEU, 2003); e parece não considerar que há uma norma, muitas vezes, sexista, classista, racista e heteronormativa que vai

sendo reiterada ou subvertida nas organizações, dadas as intersecções entre sexualidade e outros marcadores de diferenças (BUTLER, 2003, 2004; HOLVINO, 2010).

Além disso, cabe considerar que a sexualidade não é um tema simples, tendo em vista que nosso senso de identidade é sempre social de modo que também não podemos dizer que a sexualidade é reprimida nas organizações, mas que ela é produzida em meio às relações e discursos de poder nas organizações e na sociedade (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2003). Então,

A sexualidade é algo construído pela sociedade de forma complexa. É o resultado de diversas práticas sociais que fornecem significado para as atividades sociais e para as definições sociais, tanto para as definições que surgem nas listas entre os que detêm poder para defini-la e regulá-la e àqueles que se colocam do lado da resistência. Significado cultural e atividades públicas interrelacionam-se não apenas reforçando noções de gênero, mas igualmente adicionando outra camada sobre a distinção desigual entre homens e mulheres, bem como a considerável distinção entre heterossexuais e homossexuais. (MOTTA, 2000, p. 74-75).

Dessa maneira, a sexualidade vem sendo organizada discursiva e historicamente em torno da heteronormatividade, que pressupõe a coerência entre genitália, prática sexual, e desejo, de modo que todos os que fogem à tal norma podem ter sua humanidade questionada (BUTLER, 2003, 2004). Torna-se clara a organização da sexualidade que se refere ao “ato de organizar, ordenar, como, por exemplo, os corpos, os gestos, as vestimentas, as subjetividades, os desejos, a vida, cabendo observar que esse processo de organizar não envolve somente seres humanos e que não acontecem somente em relações de trabalho” (SOUZA, COSTA, PEREIRA, 2015, p. 731).

A heterossexualidade como modelo de organização social pode ser dividida em dois momentos: um em que é entendida de forma compulsória, pura e simples; e outro no qual vamos para o domínio da heteronormatividade. Neste último, com a despatologização e descriminalização da homossexualidade a partir da segunda metade do século XX, a heteronormatividade é enfatizada como um modo de controle e de normalização, inclusive de gays e lésbicas, não para que se "tornem heterossexuais", mas para que vivam como tal (MISKOLCI, 2009).

Portanto, a heteronormatividade é compreendida como um mecanismo amplo de poder e de hierarquização entre gêneros e sexualidades, como um dispositivo histórico para assujeitar e normalizar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e "natural" da heterossexualidade (MISKOLCI, 2012) ou, ainda, como "enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo" (PINO, 2007, p. 160). Ou seja, uma forma de **organizar** a sexualidade em prol do binário sexual e de gênero, inclusive de modo a desqualificar e inferiorizar tudo que se relaciona histórico e discursivamente com o “feminino” e a homossexualidade (BUTLER, 2003; SOUZA, COSTA, PEREIRA, 2015).

### **Problematizando Bissexualidades: dos estigmas à crítica às normas**

A bissexualidade como identidade de diferença ou de pertencimento parece ter seu surgimento público em meados da década de 1970 nos Estados Unidos da América, para promover a visibilidade e a aceitação das pessoas bissexuais por meio de ativismo político ou grupos de socialização, em meio ao movimento de liberação “gay” (GARBER, 1995; LEWIS, 2012). Mas ela não é uma prática recente como mostra Lewis (2012) ao analisa-la através da pederastia na

Grécia Antiga, do shudo no Japão Antigo, das relações de submissão e dominação na Roma Antiga e das práticas bissexuais em tribos e povos indígenas.

Porém, o grande problema da bissexualidade dentro do movimento “gay” era que os bissexuais (re) apropriados como “gays” deixaram de existir como uma categoria separada ou separável, o que reforçava sua invisibilidade (GARBER 1995). No cenário brasileiro, Facchini (2003), ao analisar o surgimento do movimento homossexual e seu desdobramento histórico (de 1978 até inícios dos anos 2000), praticamente não há menções à bissexualidade, mas nota-se que a bissexualidade como estratégia para não assumir a homossexualidade era criticada, mas, em alguns momentos, era exaltada como subversão de todas as regras.

Entendemos os estigmas como marcas sociais que acabam por reduzir o indivíduo a um determinado estereótipo negativo socialmente de modo que, nas relações sociais, um atributo como a bissexualidade, pode tornar o sujeito pertencente a uma categoria má ou perigosa, conferindo-lhe um status subalterno na sociedade e nas organizações (GOFFMAN, 1975; CAPRONI NETO; SARAIVA, 2014), fazendo com que os bissexuais tenham sua identidade e suas vidas não reconhecidas como humanas (BUTLER, 2004), contribuindo para sua invisibilidade e falta de reconhecimento público no trabalho e na sociedade, já que “[...] a norma governa inteligibilidades, permitindo que determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio do social [...]” (BUTLER, 2014, p. 253).

Os estigmas, em torno da bissexualidade, remetem à algumas questões: a bissexualidade é vista como fase ou transição para a homossexualidade e não como uma identidade em si, inclusive por gays e lésbicas; bissexuais são acusados de terem o “privilégio heterossexual”, de modo que poderiam se voltar para a heterossexualidade do que encarar as consequências de lutar pelos direitos “gays”; ainda é descrita como uma confusão, uma oscilação altamente traumática e uma “escolha” que recusa a ser feita; ou simplesmente um modismo adotado pelos jovens, adolescentes e celebridades; é geralmente entendida como sinônimo de promiscuidade, sendo os bissexuais acusados de não conseguirem vivenciar relações longas, tanto por heterossexuais como por homossexuais; outro grande problema, com o advento da AIDS, que foi considerada inicialmente uma “peste gay”, muitos bissexuais foram considerados culpados pela transmissão do vírus para pessoas heterossexuais através da mídia (GARBER, 1995; WEINBERG, WILLIAMS, PRYOR, 1994), pois

As pessoas que se identificam como bissexuais (e as pessoas que são identificadas como bissexuais por causa de suas práticas sexuais) muitas vezes são o alvo de discriminações duplas. Frequentemente sofrem discriminações por pessoas que se identificam como heterossexuais e pelas que se identificam como homossexuais, por não se enquadrarem dentro das categorias binárias normativas da sexualidade: ou heterossexual, ou homossexual (LEWIS, 2012, pg. 35).

Garber (1995) aponta que a bissexualidade está mais longe do “*mainstream*” do que a identidade gay e lésbica e mais próxima da crítica desconstrutivista, pois a bissexualidade não é simplesmente outra orientação sexual, mas uma sexualidade que desfaz a orientação sexual como categoria, que questiona a dualidade hétero e gay (DAUMER, 2009). Pois, como uma epistemologia bissexual:

A questão de saber se alguém era “realmente” hétero ou “realmente” gay deixa de reconhecer a natureza da sexualidade, que é fluida, não-fixa, uma narrativa que muda com o tempo, em vez de uma identidade fixa, ainda que complexa. A descoberta erótica da bissexualidade é o fato de ela revelar que a sexualidade

é um processo de crescimento, transformação e surpresa, e não um estado de ser conhecido e estável (GARBER, 1995, pg. 73).

A bissexualidade causa problemas, subversões, rupturas e perturba a norma binária ao abalar certezas: hétero, gay, lésbica. Ela tem afinidade com as três posições e não é delimitada ou englobada por nenhuma. Desse modo, é uma identidade que não é identidade, um sinal de certeza da ambiguidade, da estabilidade da instabilidade, uma categoria que desafia a categorização. A linguagem binária não oferece espaço, inteligibilidade para a bissexualidade pois não considera a temporalidade, ou seja, a bissexualidade como uma narrativa ou uma história, e não simplesmente uma identidade fora ou entre o binário (GARBER, 1995; DAUMER, 2009).

A bifobia, segundo Amanda Udis-Kessler, participante frequente dos debates bissexuais nos EUA, é uma “crise de significado”, baseada em parte no conflito percebido entre uma compreensão construcionista da sexualidade (uma compreensão que vê as categorias sexuais não como essências imutáveis, e sim como posições fluídas que se alteram e se desenvolvem em resposta a fatores culturais e epistemológicos) e as realidades insistentes da opressão e do preconceito. Demonstrando em suas vidas e suas histórias o fato de que a sexualidade é uma narrativa, e não um rótulo fixo, os bissexuais ameaçam o *status quo* de interesses baseados na “identidade” em seu sentido mais estreito, mais essencial. (GARBER, 1995, p. 95-96)

## Metodologia

Por se tratar de uma temática subjetiva, a presente pesquisa é qualitativa, tendo em vista que é importante compreender e apreciar a visão, a perspectiva e a realidade a partir desses sujeitos. Esta pesquisa é útil por abranger “uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo face à configuração das estruturas sociais” (HAGUETTE, 2003, p. 63).

Com o objetivo de abarcar a subjetividade e o mundo simbólicos de trabalhadoras e trabalhadores que se identificam como bissexuais, indo além da dimensão das palavras, utilizamos a técnica de construção de desenhos que “visa estimular a manifestação de dimensões emocionais, psicológicas e políticas, pouco privilegiadas por técnicas de cunho racional. Existem diversos motivos para sua utilização. O motivo maior é ir além das palavras escritas ou do que os discursos orais podem revelar” (VERGARA, 2006, p. 173). Desse modo, em virtude da ambiguidade e subjetividade presentes nas técnicas projetivas e expressivas de elaboração de desenhos, ressalta-se que os sujeitos evidenciam características internas na construção de suas respostas (CARTER; DANIELS; ZICKAR, 2013). Há a possibilidade de o sujeito expressar, através deles, conteúdos simbólicos e de sua vivência emocional relacionados ao contexto social em que se inserem.

Nesse sentido, desenhos como técnicas projetivas têm os seguintes benefícios: versatilidade, ao serem combinadas com outras técnicas, principalmente por serem utilizadas no nível individual; envolvimento, pois causam curiosidade aos entrevistados, são não usuais e intrigantes em comparação com os questionários, por exemplo; tendem a ser divertidas após a surpresa inicial; e permitem geração de ideias, pela ambiguidade, o entrevistado pode considerar qualquer quadro de referência, permitindo, assim, que surjam diferentes pontos de vista (CASTERALL; IBBOTSON, 2000).

Utilizamos a construção de desenhos de forma não estruturada, permitindo que os sujeitos desenhassem o que consideravam mais interessante e representativo de suas vidas e modos de

ser. Desse modo, solicitamos que elaborassem três desenhos nas seguintes vertentes: como é ser bissexual; o trabalho para si; e sua vida em sociedade. Após a realização de cada desenho, com o suporte de um gravador de voz, pediu-se que explicassem o que desenharam, sobre o que refletiram e analisaram para desenvolver os desenhos. Todos permitiram a gravação e informamos-lhes que garantiríamos o sigilo de suas identidades.

Os entrevistados foram quatro mulheres e dois homens, que se identificam como bissexuais, residentes de Juiz de Fora, Minas Gerais, e sua participação na pesquisa ocorreu em julho de 2013. Foram selecionadas a partir de contatos pessoais do pesquisador e pela técnica de bola de neve (snowball). O quadro 1 sintetiza o perfil dos entrevistados.

**Quadro 1 – Perfil dos sujeitos de pesquisa**

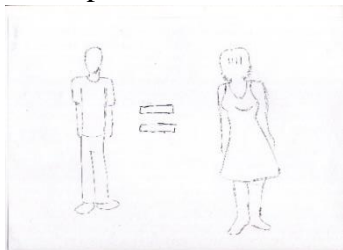
	Gênero	Idade	Tempo de trabalho	Formação	Trabalho	Empresa	Local da Entrevista
E1	Masculino	21	1 ano	Graduando em direito na época	Auxiliar Fiscal	Escritório privado de contabilidade	Café
E2	Feminino	30	8 anos	Graduada em Turismo	Técnica de Contabilidade	Organização pública	Organização em que trabalha
E3	Feminino	34	6 anos	Graduada em Administração	Administradora	Organização pública	Sua casa
E4	Feminino	38	15 anos	Nível médio	Promotora de Eventos	Empresa privada	Sua casa
E5	Feminino	28	8 anos	Bacharel e Licenciada em Artes	Promotora de Eventos	Empresa privada	Shopping
E6	Masculino	30	15 anos	Graduado em Administração	Assistente de Atendimento de Negócios	Cooperativa Bancária	Praça da cidade

Fonte: Dados da pesquisa

## Análise dos dados

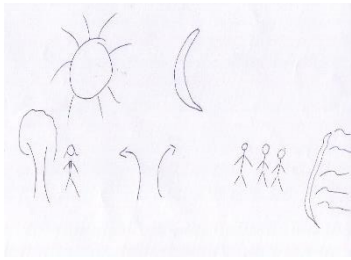
### *As bissexualidades desenhadas*

Neste primeiro desenho de E5, a participante reflete:



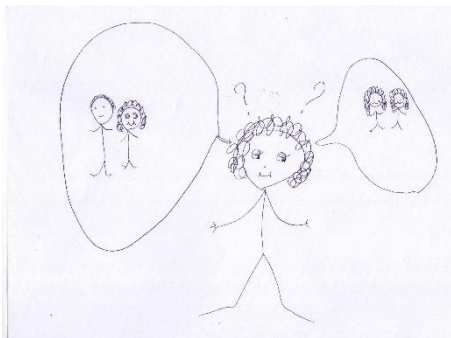
[...] sempre que eu ouço quando eu falo que sou bissexual, eu ouço a pergunta: “qual sua preferência?”, e por um tempo eu achei que a minha preferência fosse homens, depois eu passei a acreditar que eu era lésbica...e hoje em dia, analisando, eu acho que não há diferença, eu não tenho preferência. Então, eu quis mostrar que ser bissexual é não ver diferença entre homem e mulher, então eu coloquei o símbolo de igual, um homem e uma mulher de cada lado.

Podemos analisar em seu discurso a fluidez da sexualidade como narrativa (GARBER, 1995), de uma preferência por parceiros masculinos para femininos até chegar ao ponto em que o sexo do outro independe para si como bissexual, um modo de desafiar o binário hetero-homo e desorganizar a sexualidade (BUTLER, 2003; BREWIS, TYLER, MILLS, 2014). Adiante, há uma visão diferente no discurso de E2:



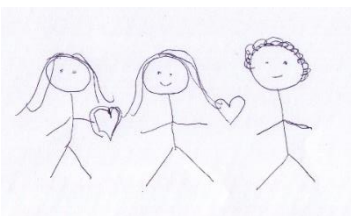
Bem, o que eu...o meu desenho... é...eu pensei imediatamente em dois símbolos contraditórios, mas que ao mesmo tempo podem se encontrar: foi o sol e a lua. É, ao mesmo tempo que, pra alguns, tem só uma direção, acaba que, no meu caso, sinto às vezes, que não... independe do sexo da pessoa – lógico que tenho preferências: tenho mais afinidades com mulheres, mas assim, não deixo... não... nunca deixei de me imaginar tendo um possível relacionamento com algum:: homem porque seria pra mim, coerente com o meu ponto de vista, que eu, na verdade, não tenho interesse em sexo, eu tenho interesse em pessoas – então, independente do que seria. E ao mesmo tempo, o símbolo é pelo... pela questão mesmo das pessoas também sempre acharem que são opostos... né... a gente... eu, assim, pra mim... eu não... eles podem se encontrar mas a maioria das pessoas acha: ou você é um ou você é outro...

Através da metáfora do sol e da lua, a participante tenta descrever sua sexualidade de modo que as setas indicam que ela tanto pode se relacionar como homens quanto com mulheres, pois ela enfatiza que se interessa por pessoas e não pelo sexo, novamente podemos ver sinais de desorganização do binário sexual (BUTLER, 2003; GARBER, 1985) e a crítica a essa ideologia em seu discurso “ou você é um ou você é outro”. Porém, há uma ressalva, ela se relaciona melhor com mulheres (sinalizada pela árvore) do que com homens (sinalizado pelo mar em relação à inconstância), de modo a evidenciar o contexto, que pode influenciar seu comportamento. O próximo desenho de E4 traz uma visão ainda diferente:



Bom, eu tentei representar o seguinte: eu e os meus pensamentos enquanto ambos os lados. Ou seja: mais ou menos representando o tamanho da força do pensamento... O lado de cá tentei representar duas mulheres, que é o meu lado menos... que eu menos me interesso – que é: me sinto atraída, gosto, mas não é que é primordial na minha vida. E o lado né... heterossexual que é o que mais predomina: porque a minha preferência, vamos dizer assim, que eu me considero... 50.... não digo 50... 30% homossexual e 70% heterossexual.

Aqui E4, em seu discurso, enuncia a bissexualidade através da “força do pensamento”, vocábulos associados ao desejo. Ela utiliza balões para expressar a magnitude de seu desejo: balões maiores para relações heterossexuais e balões menores para relações lésbicas. Logo, ela explica a bissexualidade em termo binários, reproduzindo a bissexualidade em termos binários hétero-homo (GARBER, 1985). O próximo desenho trata do comportamento sexual e de estereótipos para E3, que diz que o elaborou pensando no conceito de bissexualidade em si “a pessoa que é capaz de se envolver por ambos os sexos”. Então, fomos discutindo:

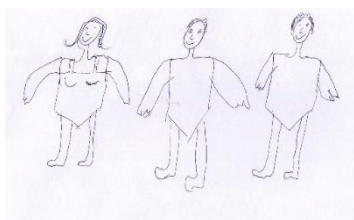


[É:::eu tenho uma curiosidade né, você: existe alguma preferência? Ou...ou é diferente pra você? Você prefere ficar com homens ou com mulheres, ou tanto faz, vai na mesma proporção, igual por ambos...? Uma curiosidade que eu tenho...] E3: Não... assim, depende a interação... pra... assim, certos momentos, dependendo do que você busca, tem uma preferência assim, por mulher, porque... questão assim, do cuidado, do tratamento, do carinho, da atenção... Mas assim, dependendo do que você busca, tem uma preferência por homem, tipo assim, se você busca uma coisa casual, você não quer que a pessoa pegue no seu pé, não quer a pessoa te ligando o dia todo, você não quer as pessoas te perguntando coisas da sua vida, aí existe uma preferência por homem. Então, assim, depende do que se busca, do que se busca...e depende do interesse ali na hora, que é, por exemplo, você tá num lugar, você vê uma pessoa e se interessa por ela, aí você não vai analisar isso – “ah, não vou ficar porque é complicado, porque vai me pergunta, porque vai me perseguir” – você no



impulso: “ah, eu gostei, vou ficar”, mas se não existe esse momento de ver aquela pessoa, se é você quem vai buscar, aí depende do motivo da busca.

Neste extrato, a bissexualidade é tratada de uma forma situacional, ela pode se relacionar com ambos os sexos, mas isso também depende do que busca, mostrando a sexualidade como uma narrativa e não uma identidade fixa (GARBER, 1985; SOUZA, CARRIERI, 2010). Porém, estereótipos de gênero se misturam na sua análise: o homem é considerado para sexo casual, como se ele não fosse se apegar a ela, enquanto que a mulher envolve algo mais carinhoso e romantizado, de modo que aqui ela reproduz as construções sociais em torno dos gêneros (BUTLER, 2003, 2004). O desenho de E6 vai na mesma direção, pensando no conceito da bissexualidade em si, mas o mais importante foi que nos levou a discussões interessantes sobre sua sexualidade, que abordaremos adiante:

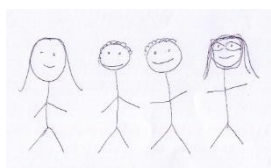


[...] assim, no meu modo de ver com a minha bissexualidade: eu acho que eu nasci gay, né – aos dez anos eu já sabia que eu gostava de menino – só que devido a cultura de meus pais, colegas e vizinhanças, é... foram me mostrando que aquilo não era certo: gostar de menino, ficar brincando só com menino. Então, aquilo todo mundo foi percebendo, não era legal... Então, eu acabei começando a gostar de meninas porque me induziram àquilo... E eu acabei gostando, pra mim não foi ruim. Então eu parei: de dez anos até os vinte e seis anos só me relacionava com mulher, nunca me relacionei com homem nesse período não. Após vinte e seis anos que eu comecei a me relacionar com homem. Eu aprendi a gostar de mulher, tanto que eu não...a maioria dos meus amigos gays fala que tem nojo de um corpo de uma mulher, de tocar na vagina, não tem vontade de fazer sexo com elas; o que já é diferente de mim: eu já sinto prazer, já sinto tesão por isso.

Em seu enunciado, o participante conta que se identificava como “gay”, que nasceu “gay”, ou seja, uma visão essencialista da sexualidade, só que, ao mesmo tempo, demonstrando a organização da sexualidade em prol da heteronormatividade, conta que se tornou bissexual para ter relacionamentos com mulheres, sendo que foi “induzido” a isto (BREWIS, TYLER, MILLS, 2013; SOUZA, COSTA, PEREIRA, 2015). Logo, nesse caso, mostra claramente que não há uma sexualidade natural, mas processos de ordenamento, de organização, de subjetivação de sujeitos sexuais, em que instituições exercem e produzem a heteronormatividade nos corpos como modelo hegemônico de modo que ele teve que aprender e a gostar de se relacionar com mulheres, evidenciando o gênero e a sexualidade como dispositivos de poder e subjetivação de corpos (BUTLER, 2003).

### *As bissexualidades nas organizações e na sociedade*

Esta categoria tem como foco especialmente o trabalho. Assim, adiante, analisamos o desenho de E3 quanto ao mesmo:



Aqui eu desenhei algumas pessoas né, do meu...do meu ambiente de trabalho e essa sou eu, aí eu coloquei tipo uma máscara, porque eu acho que assim, no ambiente de trabalho, a questão da sexualidade, você sempre tem que tá assim, meio que mascarado, e você é bombardeado às vezes, com alguns comentários, que você tem que ficar tipo, neutra, ou dissimular alguma coisa, sabe? Igual, por exemplo assim, aparece alguém lá que tem a sexualidade mais assim é:...mais público assim, aí as pessoas comentam e tipo, ficam esperando algum comentário de você, sua opinião, e você num::: você fica sem saber o que expressar; porque, por um lado, você não vai apoiar, tipo assim, algum comentário que surgiu que pra você foi como preconceituoso, você não sente à vontade em ser cúmplice daquilo, em participar daqueles comentários. E, mas, por outro lado, você pensa assim que também você não pode tomar uma posição, no sentido assim, de

defender ou de falar que não é aquilo ou tentar explicar, mostrar pras pessoas que aquilo que elas tão falando é errado – porque, por outro lado você tem medo de estar se expondo de uma forma assim, que alguém possa questionar alguma coisa sobre a sua sexualidade; apesar de que eu sempre faço isso, sempre tento ir por esse lado de criticar qualquer comentário que surja em torno de preconceito.

Neste fragmento, a trabalhadora se constrói em meio às relações sociais com uma “máscara”, ou seja, a máscara é a metáfora para se representar no trabalho, usualmente escondendo sua sexualidade no trabalho. Porém, mesmo com a opressão vivenciada e escondendo sua bissexualidade, ela desorganiza e exerce sua resistência ao criticar e questionar preconceitos em torno de sexualidades não hegemônicas (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2003). Novamente, surge a metáfora da máscara em meio as relações sociais e de trabalho para E4:



Bom, é como eu tentei representar um palco né, porque eu acho assim: a minha vida em sociedade ela é uma peça de teatro, né...eu vivo como eu viveria uma peça de teatro. [...] eu convivi com vários grupos: o teatral – os artistas de Juiz de Fora – pessoas de trabalho...então eu conheci pessoas de várias cabeças, de vários modos de pensar...e reparei que pra você viver na sociedade você, às vezes, você tem que defender a sua ideia SIM. Porém, muitas das vezes, se você quer chegar a algum lugar, você tem que criar uma máscara: porque nem tudo aquilo que você é as pessoas entendem [...]. Então, eu acabei transformando a minha vida num palco, onde você merece saber das minhas histórias, você vai saber, você merece a minha confiança e entrar no meu mundo, você vai entrar. Mas se você é um colega de trabalho, com uma cabeça desse tamaninho, eu não vou perder tempo tentando enfiar na sua cabeça porque que eu sou assim ou porque eu não sou – eu simplesmente vivo – se um dia eu estiver num bar e a pessoa me ver fazendo alguma coisa (gesto de desdém com as mãos), pra mim tanto faz como tanto fez. Eu não escondo, eu me preservo [...] Mas então, só que, perante a sociedade eu acabo vivendo – dependendo do grupo onde eu estou – eu acabo me preservando, tal- muitas das vezes pra não chocar sem a necessidade – se houver a necessidade eu vou causar – mas muitas das vezes pra não chocar, e muitas das vezes também pra preservar, muitas das vezes o meu emprego, muitas das vezes a minha imagem perante uma empresa onde eu estou trabalhando [...].

A vida da participante é construída no desenho utilizando a metáfora de um palco, uma peça de teatro, na qual ela tem que jogar com vários personagens, mostrando uma situação paradoxal: em determinados momentos, é necessário exercer uma postura mais combativa e, em outros, é relevante utilizar uma máscara, de certo modo, se preservar. Ou seja, a organização e a desorganização de sua identidade bissexual é totalmente contextual, de modo que a máscara ou o silêncio podem ser considerados micro estratégias (FOUCAULT, 1988;), pois o silêncio pode ser uma forma de negação, censura, de autoproteção e resistência (WARD; WINSTALEY, 2003). O próximo desenho de E5 aborda estigmas e também resistências:

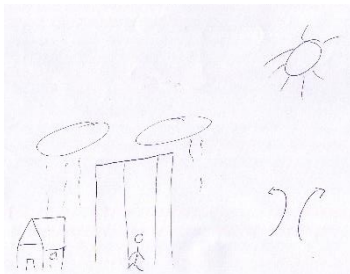


No meu último trabalho, as pessoas não sabiam – quer dizer, eu não falava abertamente – e os meus alunos não sabiam. Um aluno adolescente meu, a ficha caiu porque ele tem amigos homossexuais, ele disse: “eu acho que você gosta de menina”, aí eu falei: “por quê que você acha isso?”; “ah, eu não sei”. Porque que ele descobriu isso eu não sei, e:::... mas lá eu não abri a minha boca, quem me tinha no *Facebook*, quem tinha meu perfil sabia que eu era bissexual por causa de eu deixar aberto isso nas redes sociais. Mas eu nunca falei, afirmei isso no trabalho. Enquanto agora, nesse meu trabalho, por eu lidar com pessoas da área de artes, da área de publicidade, comunicação, eu tenho uma liberdade muito maior do que eu tinha antes [...] inclusive criticaram o projeto da Cura Gay que teve, que foram às passeatas contra o Feliciano, então eu vi uma outra cabeça: lá eu sou aberta a falar. Então eu botei esse monte de balãozinho, lá eu chego e falo assim: “não, porque eu vou sair com a minha ficante...”; “ah, você vai?! E aí, como

que tá?” , aí eu mostro fotos...A mesma coisa se eu disser que eu tô namorando, não faz diferença se for um homem ou uma mulher, eles são sempre muito abertos, então é::: é isso que eu queria falar, porque é esse tipo de trabalho ideal que eu procuro: um trabalho que eu não me sinta incomodada de ser quem eu sou, e nem preciso de guardar pra mim. [Sim. É:::...quando você compara o o:::...o ambiente que era mais fechado com esse ambiente que é mais aberto à diversidade, como você se sentia antes, como você se sente agora?] Eu acho que eu me sentia sempre com medo de dar algum escorregão e as pessoas comentarem algo ruim de mim, ou duvidarem de alguma coisa... Por que pessoas fechadas à orientação sexual, elas são também muito preconceituosas, elas acreditam que todo homossexual é pedófilo, é doente...E por eu ser uma pessoa muito carinhosa com criança, eu sempre tive medo de as pessoas acharem que eu era uma doente. [...]

Alguns pontos desta reflexão valem ser destacados quando, em sua experiência como professora, o aluno a interpela sobre ser lésbica, e ela prefere o silêncio e a invisibilidade em torno da (bi) sexualidade, de modo que podemos relacionar isso com os estigmas negativos em torno da homossexualidade quanto a sua antiga classificação como doença e a ideia de pedofilia, de modo a reforçar a heteronormatividade e estigmas a sexualidades divergentes (GOFFMAN, 1975; BUTLER, 2004). Já no trabalho atual, é possível desorganizar a sexualidade tendo em vista a cultura da empresa e as relações sociais com os outros trabalhadores, o binário hétero-homo pode ser rompido ao falar abertamente sobre relacionamentos com homens e mulheres (GARBER, 1995), inclusive através da participação em movimentos sociais como o que houve quanto à cura “gay”, ou seja, uma politização que pode deslocar a hétero norma.

Adiante E2 reflete sobre a bissexualidade, trabalho e relações de amizade e coleguismo:



Bem, eu coloquei...A primeira coisa que eu pensei foi as estruturas é::: porque o meu trabalho acaba sendo a minha...o meu alicerce, aonde que eu gosto de trabalhar, aonde eu me sinto segura, tranquila – por isso a casa também. E as nuvens foram em relação a isso: às inconstâncias que acontecem e que eu sempre posso...que eu tenho certeza que ali eu vou ficar::: em paz. Ao mesmo tempo, ainda tem aquela coisa, o fato de ser bissexual dentro do trabalho, o quê que significa? As setas de novo: você tem que ir por um caminho, ou você tem que ir por outro, e o sol significaria a...uma frase que eu sempre ouço de uma amiga minha – hétero – que vê os meus relacionamentos, sabe do meu relacionamento que é inconstante, então, quando eu relato as minhas...os meus relacionamentos, ou o meu relacionamento, ela fala: “[nome feminino], [nome feminino], venha para luz!”; que seria dizer: “venha ser hétero. Venha ser hétero porque aqui você encontraria a segurança de um relacionamento...é:::...a falta de complexidade de um relacionamento gay...”. Então::: ela sempre fala isso, aí eu sempre brinco com ela, falo assim: “Ah, num vou. A [nome feminino] não vai, até porque a [nome feminino] gosta de luzes coloridas. Eu vou pra luz só se a luz for colorida, porque esse negócio de só luz branca não animo não”. Mas eles, a medida do possível há o respeito, mas ao mesmo tempo... há falas assim desse tipo, outros que não ligam, outros que fingem não saber, ou que ainda a ficha não caiu – não sei como – e:::... tem aqueles que me chamam, que riem das minhas histórias e me chamam de “alma livre”, que eu não tenho... que eu não tenho sexualidade nem pra um lado, nem pro outro. Que eu sou uma alma livre, que eu vou fazer aquilo que eu quero, independente do caminho que for. E algumas pessoas começam quando eu falo assim: “Eu tô ficando com uma outra pessoa do sexo oposto...”, aí eles: “ué, o que tá acontecendo?”, mas há surpresa na situação, e rindo e fala: “ah, daqui a pouco você tá voltando a ficar com mulheres”. Então, assim, são::: reações diferentes dentro de um setor até muito grande – são vinte pessoas – então a:::...eu, de vez em quando me vejo nessas situações assim desses comentários – nenhum comentário até então preconceituoso, mas coisas que eu (comento) no meu trabalho, da minha sexualidade fica muito clara, especialmente essa fala dessa

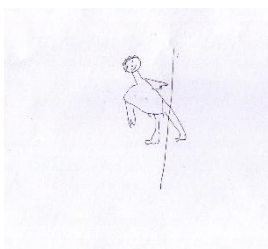
minha amiga: “venha para a luz”. Porque as pessoas ainda tem essa noção né, que o meio gay é complexo, mas...quase “sexo, drogas e rock ‘n roll”, então é:: quando você relata algum fato, por mais que você se você fosse hétero, você teria os mesmos fatos pra relatar, nenhum...quando você é hétero, ninguém fala, é... “venha para luz, vire gay”, no máximo que você encontra é: “ah, larga essa pessoa com quem você tá ficando e vai encontrar uma pessoa melhor pra você”, ou então aceite a situação: “é assim mesmo, pensa na sua família, pensa no relacionamento que é duradouro, mantenha-se firme nele”.

Neste desenho, o trabalho remete a uma metáfora de estrutura, de casa, de alicerce em meio às inconstâncias, ou seja, aspectos relevantes na identidade da participante. Quanto à bissexualidade, está é lembrada inicialmente pelo contato com uma amiga no trabalho que a interpela para que organize sua sexualidade em prol da heteronormatividade na frase “venha para luz” (BUTLER, 2003, 2004), ou seja, em uma visão simbólica e ideológica, para a amiga, heterossexualidade é implicitamente o lado claro da vida e o resto o lado obscuro e sem vida. Porém, E2, em um tom de humor, exerce sua resistência desorganizando a sexualidade querendo luzes coloridas (KENNY, EUCHLER, 2012). A medida que a bissexualidade desafia o binômio hetero-homo, E2 é construída pela metáfora de “alma livre”, que não segue um caminho pré-determinado (GARBER, 1995). É interessante também abordar a seguinte narrativa de E2 sobre seu ambiente de trabalho, remetendo a discussões com colegas religiosos:

Mas, assim, tirando o...a única vez que teve um questionamento maior foi quando teve a Cura do Feliciano né, que aí eles falaram, acabaram defendendo o Feliciano...E também não só em relação à isso, porque os dois é:: são de origem é:: podemos dizer...é...negra, e o::...teve falas do Feliciano que...foi interpretado como formas de racismo e pra eles não foi racismo; eram coisas bíblicas, porque tudo se explica na bíblia...Então::: fica difícil, até...até você conversa, eles entendem, mas aquela coisa, quando é uma coisa bíblica, igual eles acham que não pode ser homossexuais porque tá na bíblia que o homem tem que ficar com a mulher, pronto, não tem o que se discutir. A bíblia falou isso, você pode ter todas as argumentações do mundo, mas você não vai conseguir convencê-los. [Tá certo, tá certo. Mas...mas eles se diziam a favor da Cura Gay?] E2: Não, não. Os dois assim, são muito tranquilos, não assumiram isso. Agora, teve uma pessoa da nossa sala que questionou o porquê, qual que era o problema de qual que era o problema de uma pessoa é de ter... de ser aprovada essa medida, e de repente essa pessoa ir procurar cura? Aí a gente conversou com ela, falamos, não sei até que ponto atingiu é...que, assim, conseguimos esclarecer a situação pra ela, mas não só eu, mas como amigos meus héteros defenderam a luta contra o Feliciano. Porque acham que não tem nada a ver a...essa, assim, não é doença e isso pode prejudicar muito mais do que solucionar, aí a gente falou sobre a possibilidade do aumento de suicídio de gays – que acaba que, a partir do momento que você coloca em pessoas que já tão com problemas de se aceitarem, você coloca que elas ainda estão doentes, que elas são doentes, que elas precisam de tratamento; você ainda acaba piorando ainda mais a autoestima dela, aumenta a depressão e isso pode elevar...já há um número grande de homossexuais que estão é...se...suicidando. [...] Então teve alguns casos assim...aí essa foi a minha preocupação maior – principalmente na hora das discussões dentro do trabalho, sabe, porque é aquela coisa: você tá dentro do trabalho mas também está...você acaba disseminando ideias ali no grupo, por mais que eles não aceitem, você está tentando explicar o seu lado da história.

Esta narrativa é interessante ao mostrar os embates discursivos em torno da sexualidade no ambiente de trabalho, posto que E2 reconhece a dificuldade de se dialogar com seus colegas que se apoiam nos discursos bíblicos e que reiteram a heteronormatividade (BUTLER, 2003). Mas, ao mesmo tempo, mesmo no nível micro, ocorre uma resistência e uma politização de suas práticas e discursos ao defender seu ponto de vista contra o projeto de cura “gay” e de deslocar estigmas em torno da construção discursiva da homossexualidade, de modo que ela

reconhece que está subvertendo discursos negativos ao disseminar “ideias” no seu grupo de trabalho.

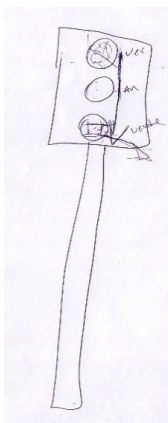


Eu fiz um desenho com uma linha e metade de uma perna pra lá e outra pra cá; porque, assim, a minha relação com a sociedade é de pé atrás: um pé à frente e um pé atrás, porque hoje em dia você tem que saber com quem você lida e o que você vai falar pra essa pessoa sobre suas coisas pessoais. Que hoje em dia é difícil ter uma amizade é:...sadia, hoje em dia...é muito difícil as pessoas pegam aquele seu defeito e jogam em cima de você; uma hora eles vão usar um defeito seu contra você mesmo. [...] Então, assim, a minha opção sexual ela é muito restrita, não fico comentando com ninguém, se pergunta se eu sou hétero falo que sou, se pergunta se eu sou gay, falo que não... se eu sou... elas falam que eu sou “gilete”, “espada”, não sei como que fala... “ah, se vocês acham que eu sou, eu sou...” eu não fico me atentando – me apego um pouco a isso mas não me atento – porque as pessoas te julgam pela sua opção sexual, não pelo seu caráter, pela sua forma de viver a vida; eles te julgam muito pela sua opção sexual, então eu acabo ficando na minha – “ah, você tá namorando?”, às vezes... “ah, tô, tô namorando uma menina aí...” – às vezes eu tô namorando um homem, na verdade, e falo que tô namorando uma menina – “ ah, traz ela pra conhecer”; “ah, o dia que der...”, e fico enrolando. E assim, minha forma de ver a sociedade hoje em dia, a minha relação não é ruim – minha relação é muito reservada, tenho muita dificuldade em me abrir e... me deixar me levar pelas coisas da sociedade. Eu fico mais na minha, fico só observando o que acontece. [...] [Entendi. E as suas relações sociais no trabalho, os colegas, os clientes...?] E6: A minha relação com colegas de trabalho é até boa demais, assim, não sabem dessa minha opção, é... de bissexualidade... de vez em quando eu me entrego, às vezes, porque às vezes eu dou uma desmunhecada, às vezes eu vejo um cliente e falo: “Meu Deus! Que homem é esse?!” , aí tipo me olham assim, [...] mas acho que se eu fosse... já me perguntaram se eu sou gay, falei que “não”, porque realmente elas não sabem me perguntar o que eu sou; elas perguntam se eu sou gay, só que não: eu não sou gay, sou bissexual – não sabe perguntar; é o meu modo de ver as coisas... se ela falar assim: “qual sua opção sexual?”, eu vou falar: “eu sou bissexual”, eu não sou gay... assim... eu não me apego a essa imagem de uma coisa. Mas a relação com eles e até com alguns clientes é muito boa, o resto é neutra. É neutro.

Para explicar seu desenho, E6 conta que se representou com um “pé atrás” em suas relações sociais em uma postura de desconfiança e medo, o que fica claro quando diz sobre seu “defeito” e o receio de ser atacado, dado os estigmas da bissexualidade (GOFFMAN, 1975). Em seu discurso, relações de hierarquizações aparecem na sexualidade, ele até pode se dizer hétero, mas não gay, pois vai ser rotulado como “gilete” ou “espada”, assim reiterando a norma, mas, como numa prática ambivalente, também a subvertendo quando diz que não se atenta à tais categorizações (BUTLER, 2004). Além de adotar uma postura mais passiva ou de fuga quanto a sua identidade bissexual, mentiras quanto ao namoro e omissões sobre a sexualidade perpassam seu cotidiano. Quanto aos relacionamentos no trabalho, ele constrói as relações em uma perspectiva positiva, sendo interessante observar em seu discurso que seus colegas ficam preso no binário sexual numa tentativa de categorizar sua sexualidade como homossexual, mas ele foge do binário “elas não sabem me perguntar o que eu sou”, o que mostra a invisibilidade da narrativa bissexual e a instabilidade da sexualidade (GARBER, 1995).

Adiante, E1 trata de sua sexualidade com a metáfora do semáforo:

Eu vejo como um semáforo porque... eu acho que eu dou intimidade pra todo mundo ouvir, igual você, que eu nunca tinha visto, assim, que eu não conheço – desculpa – eu acho que eu dou intimidade pra vir, conversar, saber um pouco mais sobre mim, basta ter vontade. Então, eu acho que a questão do semáforo, dos sinais, cada sinal representa uma coisa [...] da minha vida em sociedade. Tem algumas pessoas que eu restrinjo informação, outra não, outras têm livre acesso, então o semáforo é o que melhor representa. Tanto em família: tem coisas que a família sabe, tem coisas que a família



não sabe, tem coisas que...é essa questão...o semáforo representa mais do que caminhos; você poder fazer algo ou não [...] [Com relação...com relação à sua sexualidade, essa questão do acesso: geralmente quem tem acesso total e quem não tem?] E1: Só amigos íntimos. [...] Porque, por exemplo: eu estabeleci um padrão de anunciar pra família isso quando eu tiver formado. Então, de dois amigos meus: eles formaram e começaram a trabalhar, e ficaram independentes e eu pretendo seguir o mesmo caminho: formar, começar a trabalhar e contar. Porque você nunca sabe a reação [...] É... falando dos meus dois amigos, né? Igual esses dois amigos fizeram isso, e no exemplo deles, um teve que mudar pra fora do Brasil, pra você ter uma ideia. Então, por mais que você sabe que pai sabe, mãe sabe, irmão sabe, irmão desconfia... (esse tipo de coisa) é restrita, então eu vou fazer isso. Claro que tem algumas pessoas que tem esse (livre acesso), igual meus amigos mais íntimos, mas nesse caso a família ficaria no laranja...no amarelo. [...] [E naquele trabalho que você fez, onde tava isso? ] E1: (Não sei), porque eu nunca escondi, talvez ficasse no amarelo também, porque eu não tinha intimidade a ponto de ser verde. Mas já era uma relação de trabalho, então não dá pra ser vermelho, não eram desconhecidos [...].

Para E1, a bissexualidade em seu discurso envolve a metáfora do semáforo de trânsito de modo que, nas relações sociais, há aqueles que têm livre acesso à sua sexualidade, aqueles que têm pouco acesso e os que não têm nenhum. A família surge como um aspecto delicado pelo medo da reação deles, logo tem sinal vermelho, assim, ele planeja expor sua sexualidade quando tiver independência financeira. Alguns amigos íntimos têm sinal verde, podendo discutir tudo a respeito dessa questão. E por fim, quanto ao trabalho, surge um quadro misto de sinais, ele diz que nunca escondeu sua sexualidade, mas deixa subentendido que não chegou a ser completamente aberto, como se o sinal oscilasse entre o verde e o amarelo, com predominância deste. Ou seja, há uma organização complexa da publicização da sua sexualidade em decorrência do contexto, das expectativas e do contato com o outro (CAPRONI NETO, SARAIVA, BICALHO, 2014).

### Considerações

Buscamos no presente trabalho analisar desenhos produzidos por trabalhadores bissexuais de Juiz de Fora, visando compreender a bissexualidade em suas visões e suas vivências nas organizações e no trabalho. Assim, buscamos compreender aspectos sociais e subjetivos dos bissexuais nas organizações e na sociedade, de que modo podem resistir ou reproduzir as categorizações identitárias e problematizar o binário heterossexual – homossexual. Para tal, trouxemos uma introdução sobre a sexualidade e a diversidade crítica nos estudos organizacionais, bem como discutimos a bissexualidade entre os estigmas e a subversão das normas. E realizamos uma pesquisa qualitativa através da elaboração de desenhos com quatro mulheres e dois homens bissexuais.

Nos desenhos sobre as bissexualidades para nossos participantes, notamos que existem diversas maneiras de se vivenciar tal experiência seja pela questão de se relacionar com alguém independente do seu gênero, uma certa preferência por determinado gênero em decorrência de suas experiências de vida ou do contexto em dado momento, a sexualidade como uma narrativa que muda e flui durante o percurso de vida mostrando que essa pode ser (des) organizada em prol ou contra o binômio hétero-homo de modo que a sexualidade é também um discurso que vai sendo incorporado nos corpos através de diversas instituições sociais e investimentos emocionais. Dessa forma, isso mostra as bissexualidades exatamente no plural, pois as narrativas são diferentes e, de certo modo, instáveis. E como o binário tem que ser reiterado na experiência desses sujeitos, seja por familiares, amigos, conhecidos, colegas de trabalhos, pode-se entender que ele não é natural, mas uma construção sócio histórica.

Quanto ao trabalho e as relações sociais, por meio dos desenhos surgiram várias metáforas: a da máscara que soa como uma forma de proteção e de auto preservação no ambiente de trabalho; o palco como metáfora para a vida sendo espaço de proteção e de combate; a metáfora da alma livre, na qual a bissexual é vista pelos colegas de trabalho como alguém que foge às categorizações hetero-homo, mas que é ao mesmo tempo interpelada por eles para seguir algum caminho, vejam as setas nos desenhos de E2; a do semáforo de trânsito em que as relações sociais são explicadas em torno das cores, mas soando que, no geral, o vermelho predomina. Há aspectos claramente negativos nesses desenhos como a bissexualidade construída como um “defeito” pelo próprio bissexual ou como o lado “escuro” da sexualidade considerada pela amiga de trabalho. É interessante que a (bi) sexualidade pode ser tão invisibilizada como no caso de E6 que as pessoas de seu convívio nem ao menos cogitam tal possibilidade e já o categorizam diretamente como homossexual, reiterando o binário. Assim, os estigmas associados à bissexualidade podem interferir de modo negativo na vivência e na saúde desses trabalhadores. E, ao mesmo tempo, alguns dos bissexuais conseguem de modo deliberado ou de modo não deliberado, desorganizar a sexualidade e o binário hetero – homo, levantando questões em torno do preconceito, da “cura gay” (que vigorava na mídia na época da pesquisa), adotando uma postura combativa, de forma que, ao menos, desloquem a norma.

Por fim, consideramos que pensar, mesmo com a diversidade crítica, as diferenças de uma forma binária pode ser um limitador para nossas pesquisas e para a prática da diversidade nas organizações. Gestores e acadêmicos poderiam ser incentivados a refletir sobre as intersecções entre sexualidade e diversos marcadores sociais como gênero, cor, etnia, corpo, classe, origem geográfica, para, de fato, alcançar a busca de equidade e paridade nas relações de trabalho e, não, um simples discurso de “vamos abraçar as diferenças”.

## Referências

- ALVES, M. A.; GALEÃO-SILVA, L. G. A crítica da gestão da diversidade nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 20-29, 2004.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BREWIS, J.; TYLER, M.; MILLS, A. Sexuality and organizational analysis – 30 years on: editorial introduction. **Organization**, London, v. 21, n. 3, p. 305 – 311, 2014.
- BREWIS, J.; LINSTEAD, S. Introduction. In: BREWIS, J.; LINSTEAD, S. **Sex, work and sex work: eroticizing organization**. Routledge, 2000. p. 1-16.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 236 p
- BUTLER, J. **Undoing Gender**. Routledge: New York, 2004
- BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, 2014.
- CAPRONI NETO, H. L.; SARAIVA, L. A. S. Estigma na Trajetória Profissional de uma Travesti. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 234-256, 2014.
- CAPRONI NETO, H. L.; SARAIVA, L. A. S.; BICALHO, R. A. Diversidade sexual nas organizações: um estudo sobre coming out. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (UFF)**, Niterói, v. 8, n.1, p. 86 - 103, 2014.
- CAPRONI NETO, H. L.; BRETAS, P. F. F.; SARAIVA, L. A. S.; SILVA, A. N. Desenhando a vivência: um estudo sobre sexualidade, trabalho e tabus de homens gays. **Bagoas**, Natal, n. 12, p. 189 – 216, 2015.
- CARRIERI, A. P.; SOUZA, E. M.; AGUIAR, A. R. C. Trabalho, Violência e Sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, art. 5, p. 78-95, Jan./Fev. 2014

CARTER, N.; DANIELS, M.; ZICKAR, M. Projective testing: Historical foundations and uses for human resources management. **Human Resource Management Review**, New York, v. 23, p. 205-218, 2013

CASTERALL, M.; IBBOTSON, P. Using projective techniques in education research. **British Educational Research Journal**, London, v. 26, n. 2, p. 245-256, apr. 2000.

DAUMER, E. Queer ethics; or the challenge of bisexuality to lesbian ethics. **Hypatia**: a journal of feminist philosophy. v. 7, n. 5, p. 91 – 105, 2009.

FACCHINI, R.. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)**, Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARBER, M. **Vice-versa: bissexualidade e o erotismo da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 160 p.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003. 224 p

HERRING, C.; HENDERSON, L. From affirmative action to diversity: toward a critical diversity perspective. **Critical Sociology**, London, v. 38, n. 5, p. 629-643, 2011.

HOLVINO, E. Intersections: The simultaneity of race, gender and class in organization studies. **Gender, Work and Organization**, v. 17, n. 3, p. 248-277, 2010.

HOLVINO, E.; KAMP, A. Diversity management: Are we moving in the right direction? Reflections from both sides of the North Atlantic. **Scandinavian Journal of Management**, v. 25, p. 395-403, 2009.

LEWIS, E. S. “**Não é uma fase**”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012. 267 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun., p. 150 - 182, 2009.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOTTA, F. C. P. **Masculino e feminino nas organizações**. São Paulo: FGV/EAESP, 2000. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/3070>. acesso em 10.07.2017

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, Jun., p. 149-174, 2007

SARAIVA, L. A. S.; IRIGARAY, H. A. R. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 337-348. jul./set. 2009

SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. A organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cadernos Ebape.br**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 727 - 742, out./dez. 2015

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 46 - 70, 2010

VERGARA, Sylvia Constant. A utilização da construção de desenhos como técnica de coleta de dados. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em Administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 173-184

WARD J. WINSTANLEY, D. The absent presence: negative space within discourse and the construction of minority sexual identity in the workplace. **Human Relations**, London, v. 56, n. 10, 2003.



WEINBERG, M. S.; WILLIAMS, C. J.; PRYOR, D. W. **Dual attraction**: understanding bisexuality. Oxford University Press: New York, 1994.

ZANONI, P.; JANSSENS, M., BENSCHOP, Y.; NKOMO, S. Unpacking diversity, grasping inequality: rethinking difference through critical perspectives. **Organization**, London, v. 17, n 1, p. 9-29, 2010.